

SINFÔNICA de Campinas quer levar música clássica a todos. Correio Popular, Campinas, 03 abr. 1977.

## Sinfônica quer levar música clássica a todos

### Da sucursal de CAMPINAS

Quando ouviu o grito de "Muito bem, maestro" junto com os aplausos que quebraram uma hora de silêncio absoluto no presidio da cidade, durante a apresentação da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, o regente Benito Juarez, mineiro de Januária, 40 anos, chorou e teve a impressão de que o trabalho desenvolvido durante apenas um ano e meio tinha alcançado seu objetivo. Afinal, a Orquestra não fora formada com o objetivo de atingir as mais variadas classes sociais da população sem no entanto cair no pieguismo do "popularesco", mas pelo contrário mantendo um repertório até então restrito aos habituais frequentadores dos grandes teatros, ousando levar à periferia peças de Haydn, Wagner, Tchaikovsky e Beethoven? Mas esse, em 1976, era apenas o início de um extenso projeto elaborado pelo maestro e aceito pelo ex-prefeito Lauro Pérciles Gonçalves, prevendo a atuação em tempo integral de instrumentistas brasileiros selecionados dentro e fora do país, com remuneração adequada para levar música clássica às escolas, igrejas, praças, ruas, presídios e vilas operárias.

### FORMAÇÃO

A contratação dos músicos foi feita de maneira incomum: no começo, o próprio Benito percorreu praticamente todas as capitais brasileiras, fazendo convites especiais aos instrumentistas conhecidos. A partir daí, a notícia se espalhou e o processo foi se desenvolvendo naturalmente, através de cartas, telefonemas, e até de certos "mal entendidos", conta Benito, lembrando que o início do trabalho em Campinas era tido mesmo como o surgimento de uma nova "Meca da Música" no País.

"Ao contrário, o que se pretendia era valorizar o profissional brasileiro" explica o baiano Juracy Cardoso, contra-baixista da orquestra, que, numa análise realista, não vê na atividade "o melhor trabalho sinfônico do país mas um coeficiente correto do que temos aqui".

Antes de mudar definitivamente para Campinas, Juracy integrava a Sinfônica da Bahia, fazendo cursos de música e completando os baixos salários com apresentações em formaturas, bailes e casamentos, situação, aliás, em que foram encontrados vários dos elementos da orquestra. Waldemar Oliveira, o "Panterra", por exemplo, já reconhecido como um grande trombonista em 1975, não tivera boas chances, restringindo-se a tocar em boates de Porto Alegre, que lhe garantiam a sobrevivência.

Os integrantes da Sinfônica assinaram um contrato que prevê dedicação exclusiva, ligando-se apenas a atividades concomitantes, como pesquisa, estudos ou pequenos

grupos musicais. A antiga orquestra — criada em administrações passadas — não foi experiência suficiente para atingir um determinado nível de profissionalização.

Orlando Canelini é remanescente do grupo anterior e com 74 anos alcançou "um nível de profissionalização compensador". "Sem criticar a ex-orquestra — diz —, é justo que se realce o trabalho atual, que permitiu, sobretudo, melhoria salarial aos instrumentistas".

Paulo Pugliesi (contra-baixo), 29 anos, não destaca apenas o nível salarial dos integrantes da Sinfônica — "que garante a sobrevivência numa boa cidade" — mas a convivência diária que permite maior entrosamento entre os músicos e atividades integradas em comissões que estudam repertório, técnicas musicais, melhoria do nível cultural, problemas de natureza ético-profissional e lazer, entre outras coisas, "permitindo uma avaliação contínua na vivência humana do instrumentista brasileiro".

Por outro lado, salienta ele, esse processo desencadeia uma nova consciência em termos nacionais, "motivando colegas de profissão a uma prática que pode ser chamada de deselitização do músico, ao lado da valorização do trabalho".

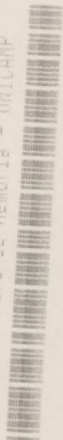
### PROGRAMA

A temporada de 1977 da Sinfônica de Campinas terá início em abril, em data a ser marcada pelo diretor do Departamento de Assuntos Culturais da Prefeitura, José Luiz Paes Leme, incluindo uma programação especial do Sesquicentenário de Beethoven, apresentações de peças brasileiras de autores como Radamés Gnattali, Damiano Cozzela, Oswaldo Lacerda, Dinorá de Carvalho, Cesar Vasconcelos Correia, Almeida Prado, além de músicos da linha de Villa-Lobos.

Paralelamente à programação normal — apresentação em bairros operários, igrejas, escolas e em outras cidades — será encenada uma ópera do compositor campineiro Carlos Gomes, com cantores líricos da própria cidade, ao lado de espetáculos, cujos destaques serão os solistas da sinfônica, como Raimundo de Souza (sopra), Waldemar Oliveira (primeiro trombone), Yvo Meyer (primeiro violoncelo), José Eduardo Gramani (concertino), Roberto Pires (primeira clarineta), Maria Tereza Coelho (harpista), Waldilei Assis (primeira flauta), entre outros.

Constam ainda da programação deste ano o "Pássaro de Fogo", de Stravinsky; "Homenagem às Vítimas de Hiroshima", de Pendericki; "Metamorfoses", de Strauss; "A Valsa", de Ravel; "História do Soldado", de Stravinsky; e "O Rei Davi", de Honegger, peça para o final do ano, com a participação dos corais da USP, da Unicamp, da PUC de São Paulo e "Villa-Lobos" da cidade de Presidente Prudente.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029939